



MIRA FORUM

- 1.** Dinis Santos
 "O Baile de Potosí", 2019
 Tríptico; impressão sobre vinil transparente e folha de prata fina aplicados sobre acrílico
 98 cm x 142 cm
- 2.** Chana de Moura em colaboração com Dani Eizirik
 "Sem título", 2019
 Série "Programa de Investigação de Mundos Anteriores"
 Fotografia 35mm em papel Matte
 150 x 100cm
- 3.** Chana de Moura
 "Programa de Investigação de Mundos Anteriores", 2019
 Colagem, desenho, fotografia 35mm, polaroid e objeto variáveis
 Dimensões variáveis
 Assistente de fotografia Dani Eizirik
- 4.** Chana de Moura
 "Relatos da expedição Coração-Estranho -Pás-saro", 2019
 Super 8mm transferido para HD
 4' 58", cor

CICLO

BIENAL '19 FOTOGRAFIA DO PORTO

16 Maio/May > 22 Junho/June

EXÍLIO DA PAISAGEM

Artistas / Artists

Chana de Moura ^(BR) Dinis Santos ^(PT)

Curador / Curator

José Maia

Tendo em consideração o tema que permeia a Ci.CLO em 2019, e a Fotografia como prólogo, a prática artística tanto de Chana de Moura (Brasil, 1989) como de Dinis Santos (S. João da Madeira, 1983), artistas seleccionados no programa de Open Call da edição de 2019, da Ci.CLO Bienal de Fotografia do Porto, ultrapassam as posições do médio, oferecendo corpo, forma, existência e acção à matéria múltipla de que é feita a imagem. Nesta extensão do lugar da fotografia, os dois projectos — aproximados e desenvolvidos em residência — gravitam em constelações comuns, imbuídos no cume das suas orientações singulares para se encontrarem num sentido dialogante ampliado sobre questões do posicionamento humano, ecológico, do real e daquilo que o ultrapassa, escalando na lógica dos problemas que se estendem entre vários tempos e momentos.

Olhar o longe, dentro.

Exílio da Paisagem. A lógica de câmbio que existe no conceito de paisagem - no caminho que nos apropriamos traçar entre aquele que observa e o qual do que é observado - a paisagem será nesse desvio premeditado a extensão a que continuamente nos direcionamos para olhar do eu à terra, do humano à natureza, do interior ao exterior, para colocarmos o olho diante da paisagem do ser até à paisagem do mundo anverso. Seguindo esta direcção, tendo em consideração também o tema que permeia a Ci.CLO em 2019, se nos fosse permitido definir um estado de relação entre natureza e humanidade — aquilo que será o estado da natureza humana e a sua relação com o não humano — poderíamos dizer que vivemos um estado de negação. Negação essa que formula uma apropriação de superioridade da natureza humana sobre aquela que, aparentemente, é classificada sobre a noção de não se pensar a si própria. Por consequência, neste estado de negação e separação, o mundo organiza-se no presente num estado de auto-exclusão, apropriando-se a Humanidade sobre a Natureza, usurpando-a da condição de não independência a que lhe foi votada. No estado deste não diálogo, os projectos artísticos seleccionados no programa de Open Call da edição de 2019 da Ci.CLO Bienal de Fotografia do Porto, matizam uma possibilidade de diálogo crítico diante deste estado circunstancial. Activa ou passivamente, com ou sem o seu contributo, talvez mais tarde percebamos o corpo circular diante do qual achamos estar separados.

Por outro lado, o Exílio aqui titular — que intuitivamente nos levanta a premissa incomportável da perda e fechamento do mundo — não nos remete ao afastamento impreterível do ser ao território. Antes mais, com o devido distanciamento do seu acto de, o exílio actua enquanto forma dupla permitindo-nos a percepção das duas dimensões da distância.

Olhemos para o exílio voluntário, a necessidade de nos ser retirado o chão, de nos distanciarmos, o efeito de excluir-mos, para com a distância nos ser permitido olhar o longe, mesmo que de dentro.

Esta percepção fecunda que torna corpo uno a matéria visível e a matéria invisível, que torna uno a matéria biológica e a matéria inerte, existe aqui, na insistência de gerar uma reflexão e um diálogo capaz de aproximar o Homem às disfunções externas, que por sua repulsa o problematizam internamente num silêncio sufoco cegamente resistido.

Este ponto de partida coloca em potência dialogante, os dois projetos seleccionados, apresentados agora, em extensão física no Espaço MIRA. Exílio da Paisagem orienta-se de tal forma, enquanto corpo expositivo de embate, matéria curatorial de fusão e fruição, organizada não em diferentes frentes mas em matérias singulares.

Tendo a Fotografia como prólogo, a prática artística tanto de Chana de Moura (Brasil, 1989) como de Dinis Santos (S. João da Madeira, 1983), ultrapassam as posições do médio, oferecendo corpo, forma, existência e acção à matéria múltipla de que é feita a imagem. Nesta extensão do lugar da fotografia, os dois projectos — aproximados e desenvolvidos em residência — gravitam em constelações comuns, imbuídos no cume das suas orientações singulares para se encontrarem num sentido dialogante ampliado sobre questões do posicionamento humano, ecológico, do real e daquilo que o ultrapassa, escalando na lógica dos problemas que se estendem entre vários tempos e momentos.